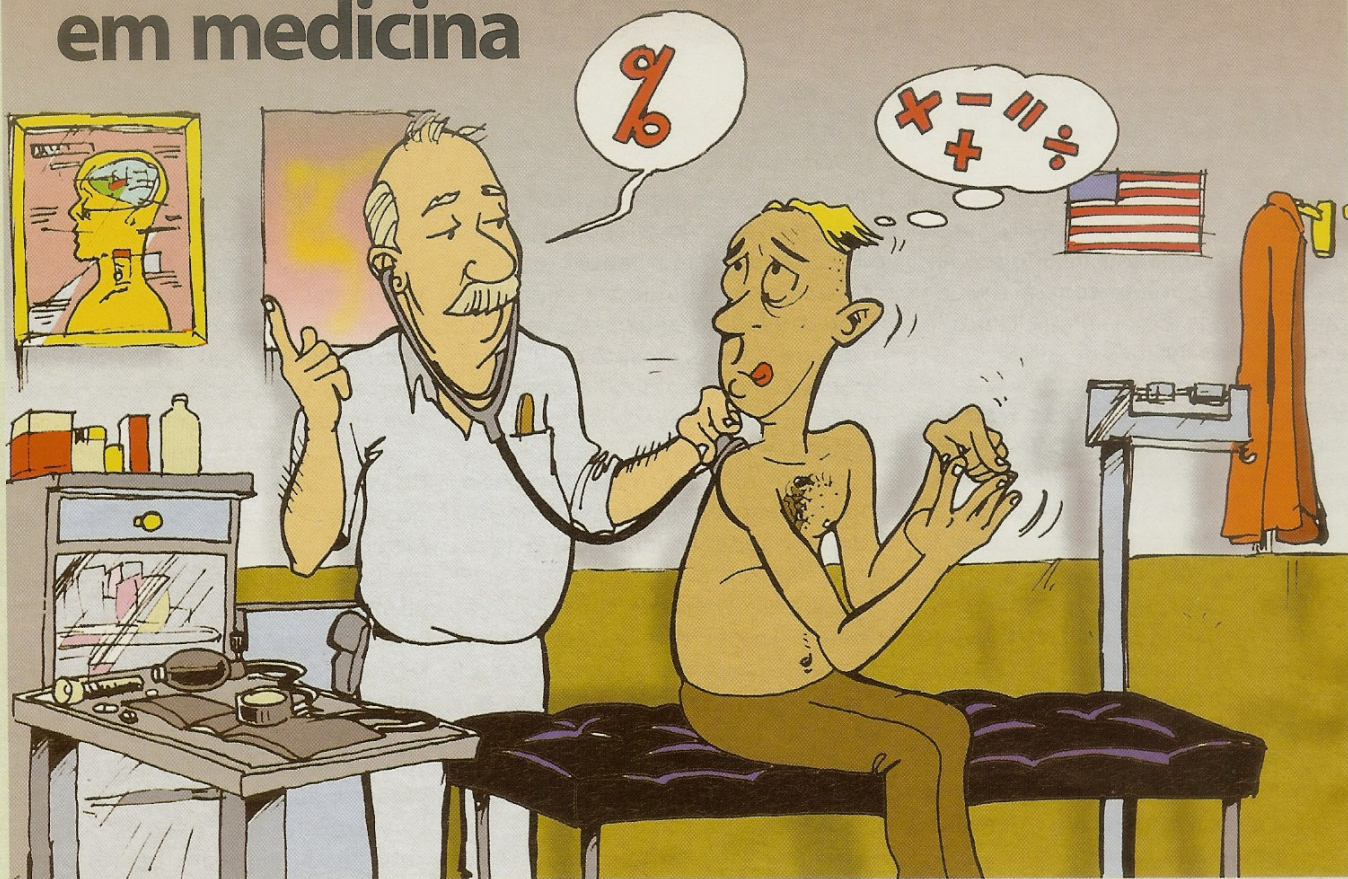


# Linguagem da matemática em medicina



**Prof. Dr. Irany Novah Moraes**

Os procedimentos médicos são frequentemente avaliados, quanto a seus resultados, considerando-os com o suporte da estatística. Os grandes números falam por si só e nem se quer precisam ser filtrados pelos artifícios que dão a segurança de estarmos falando a verdade dentro da ampla faixa de 5% a mais ou a menos, admitidos em ciências naturais. Tal artefato utilizado para conhecermos a verdade do que foi estudado, certa época era tão exuberante que muitas teses deveriam ser defendidas na área de Ciências Exatas pois a medicina, no caso, parecia adjetiva diante de tantas explicações e fórmulas matemáticas. Não estou desmerecendo, e jamais o faria, a importância da estatística pois sou daqueles que acha e sempre achei que se ensina medicina de maneira equivocada. O curso ministrado atualmente nada tem a ver com o que o aluno de hoje, médico que vai

exercer a profissão no ano 2.010 vai preparar na clínica. Deveria estar aprendendo e exercitando quase que apenas a raciocinar pois, ao sair da Faculdade de Medicina e depois do terceiro ou quarto ano de Residência Médica, deverá estar apto a "raciocinar com o desconhecido" e nada melhor para desenvolver o raciocínio do que a matemática. Este é o alfabeto que Deus usou para escrever o Universo. [Galileo Galilei (1564-1642)].

Feito esse preâmbulo quero alertar o jovem médico quanto ao perigo de usar a estatística ao falar com o paciente. Não se pode transmitir ao doente com a certeza de seu adequado entendimento o prognóstico com dados de probabilidade. Essa maneira do médico se comunicar com o paciente não é adequadamente decodificada por ele. Por mais confiança que tenha e por melhor que seja a relação médico-paciente de início ele "inverte o sinal" e passa a raciocinar com a diferença correspondente ao mau resultado ou seja

com a probabilidade de malogro do procedimento proposto enquanto o médico está pensando no êxito.

Certa ocasião um de meus pacientes procurou-me pelo fato de no período que acompanhou sua esposa para tratamento num hospital americano "aproveitou" a oportunidade e fez uma consulta. O médico propôs-lhe uma operação e ato contínuo explicou-lhe que praticamente não correria risco pois a mortalidade daquele procedimento era de apenas um por mil. Agradeceu, pagou e assim que chegou ao Brasil procurou-me para operar. Indaguei porque não o fizera lá. A resposta pronta foi: "o médico disse que apenas um em cada mil pacientes morre da operação e não me disse se ele já havia feito 999 e que então seria minha vez. Para mim seria cem por cento. Eu não morreria só um milésimo!"

**Prof. Dr. Irany Novah Moraes, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1983-1985).**